

T. 6

PORTUGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO I, FASCICULO 4

ROCHA PEIXOTO

DO EMPREGO AINDA RECENTE D'UMA MÓ MANUAL

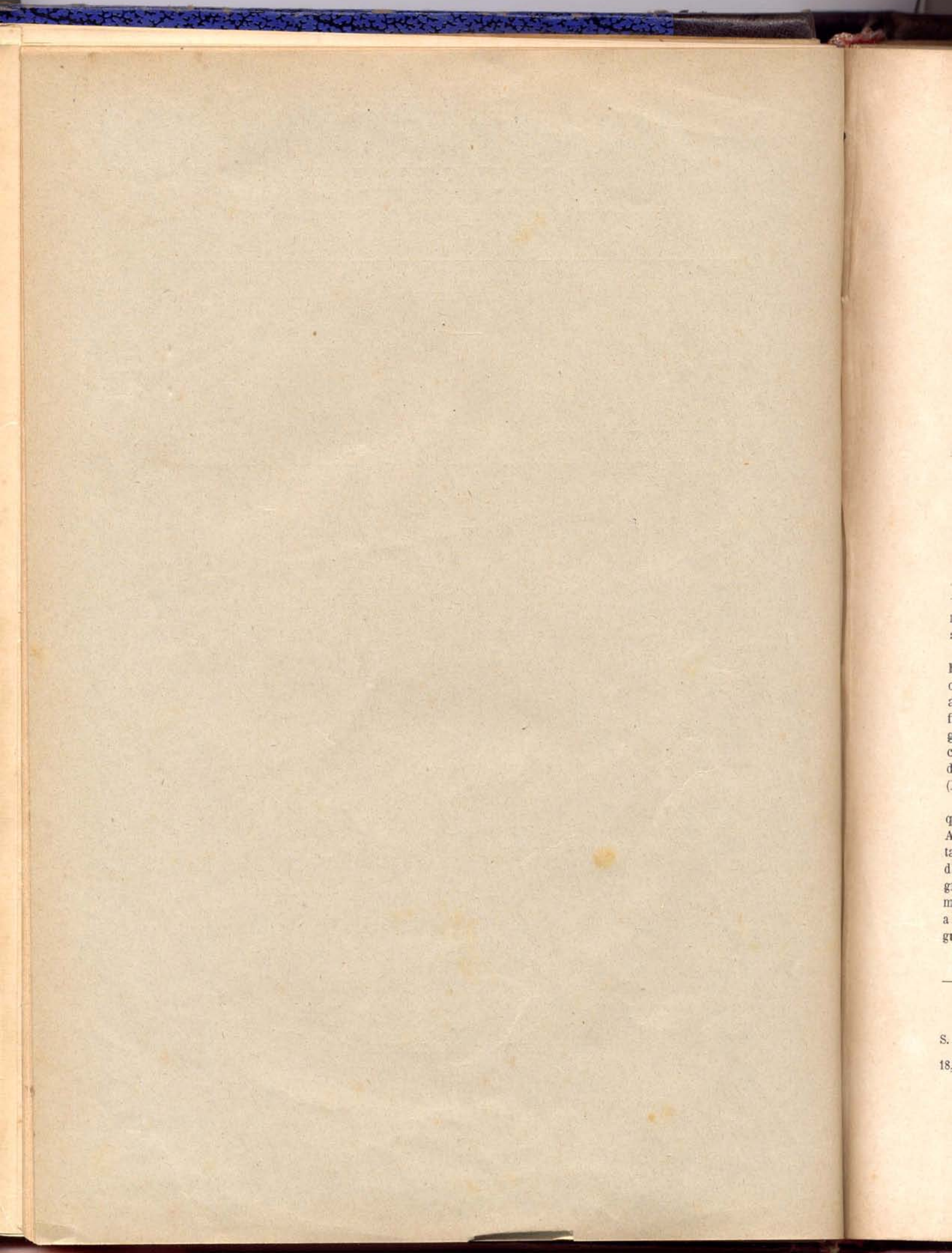
COM 6 ILLUSTRAÇÕES NO TEXTO



BIBLIOTECA E MUSEU
MUNICIPAL
— DA —
Póvoa de Varzim

PORTO
IMPRESA MODERNA

1903



1
:
K
C
a
f
g
c
d
(
q
A
ta
d
g
m
a
gt



DO EMPREGO AINDA RECENTE D'UMA MÓ MANUAL

Certas pedras encontradas em varias estações neolithicas denunciam, pela depressão mediana que um prolongado attricto originou, o seu uso como utensilio rudimentar de moedura. O pilão ou triturador complementar, ordinariamente associado, os despojos ou vestigios de cereaes em alguns casos menos frequentes, o mesmo pão grosseiro inicial, tudo converge para se assinalar a esse apparelho primitivo o destino em que o investiriam para a realisação d'um alimento pouco superior, aliás, ao grão assado ou cosido.

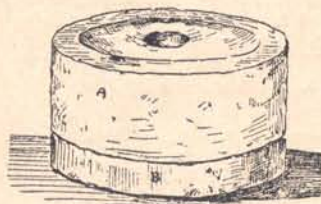


Fig. 1. — MÓ manual
(Castro de Guifões)

Emtanto um processo d'est'arte simplista foi o que occorreu aos povos mais diversos nos tempos e nos logares mais distantes, mercê d'aquelle asserto indefectivel, em que hoje todos assentimos, de que uma mesma necessidade promove, d'ordinario, a ideação d'um só utensilio. As duas pedras para a trituração do grão estão ainda em uso n'algumas populações arredadas na civilisação e no espaço; foi ainda mais vasto o seu emprego em epochas historicas não remotas que o descobridor surprehendeu e revelou; surgiram das ruinas mais longinquoas da Chaldea e do Egypto; exhumaram-se d'entre os escombros de Troia e de Mycenae, das terramares de Emilia e das habitações lacustres da

Suissa. E o instrumento limitava-se, immutavelmente, á pedra maior, fixa ou dormente, e á mais pequena, arredondada, destinada ao movimento: ¹ as troyanas, de trachyte ou basalto, ovaladas, de dois decimetros de comprimento até seis, quando muito; ² as de Ifre, entre outras estações do sudeste de Hespanha, de pudingue e outras substancias, as mesmas dimensões das precedentes, sendo as fixas accentuadamente bem cavadas e as moveis semi-ellipsoidaes e mais pequenas; ³ est'outra, do Outeiro das Giestas, em Vallongo, hoje no Museu do Porto, de rocha quartzosa, oblonga, trinta e seis centimetros no maior diametro e a depressão accusada fortemente.

Ao que parece evoluiu-se ulteriormente para as mós discoides, emparelhadas, a inferior bombeando conicamente para o alto, e a superior adaptando-se-lhe, com ou sem rebordo, e um orificio central que a atravessa, dando com um mais diminuto da inferior, que logo morre. São assim frequentemente as que se encontram nos castros, mais ou menos espessas, com a superficie conica pouco ou accentuadamente relevada, de granito, de conglomerado ou pudingue ferruginosos (Guifões) e d'outras substancias, em alguns casos mesmo com uma depressão na face superior da mó girante, como para accumular algum do grão que vae moer. (Figs. 1 e 2).

E' este o typo precisamente igual ao da mó gallo-romana ⁴ e que o professor Lindet julga não anterior mas derivando das latinas. Assim o romano se encontrasse na Gallia a mó discoide, leve e portatil, não construiria a sua, pesada e massiça. Talvez pela necessidade de os exercitos em campanha transportarem as suas moendas, é que, n'essa opinião peregrina e singular, a transformação lento e lento se effectua: o *catillus*, duplamente infundibuliforme, amesquinha-se; extingue-se o tronco de cone superior; o inferior deprime-se e encurta como a *meta* em que assenta e se adapta; em breve apparece a mó gallo-romana de que um typo figurado do museu de Insbrück ⁵ é quasi a que representamos, de Guifões!

D'esta sorte e em tal ideia o gaulez, ao tempo da invasão, ainda mantinha o methodo pri-



Fig. 2. — Corte da mó de Guifões

¹ MORTILLET, *Le Musée préhistorique*, fig. 587 da pl. LXI. Reinwald ed. Paris, 1881.

² H. SCHLIEGMANN, *Ilios*, pags. 292-3, F.-Didot ed. Paris, 1885.

³ ENRIQUE Y LUIS SIRET, *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, trad. de S. Thós y Codina, pag. 113 e pl. XI em face de pag. 114. Barcelona, 1890.

⁴ L. LINDET, *Les origines du moulin à grains*, in *Revue Archéologique*, pag. 31, n.º 1 da fig. 18, tom. XXXV. Leroux ed. Paris, 1899.

⁵ LINDET, *Ob. cit.*, pags. 29-30 e fig. 17.

mordial do pilão ou percutor; o aparelho relativamente aperfeiçoado do romano simplifica-se, não para se obter, ao menos, igual producto, mas outro inferiormente panificavel; os recursos que á sua machina permittiam a pulverisação da farinha em vario grau são dispensados; e um aparelho grosseiro que do triturador inicial se não distancia grandemente, substitue um outro mais perfeito só porque é mais facil, á legião, o transporta-lo!

N'esse criterio como explicar ainda o mesmo typo de moenda em populações scandinavas e slavas, berberes e orientaes, barbaras d'outr'ora e ainda de hoje?

A mó manual, que no mobiliario domestico dos castros se exhibe sempre em numero, foi, naturalmente, a que succedeu ao primitivo jogo neolithico. Já na Grecia antiga o moinho de mão se compunha de duas pedras com dois pés de diametro, mais ou menos; a superior punha-se em rotaçao por uma manivella adaptada; e assim se pulverisava o trigo introduzido por uma abertura praticada n'esse disco — precisamente como ainda hoje nas ilhas do mar Egeu. ¹

Passou de vez quando aos animaes e á agoa se buscou a força motriz e pelas correntes se dilatou a expansão da azenha e do moinho? Em vocabularios não remotos a allusão ao movimento circular da «mó de mão» por braço de homem traduz o seu emprego, sequer ainda não de todo obliterado ou esquecido. ² E já mais tarde se assignalava que taes moinhos, tambem cambas, picarneys ou molinheiras, não poderiam cahir em esquecimento nos casos de irregularidade dos ventos, dos excessivos calores seccarem as agoas ou de os inimigos assediarem os povos. ³

Ora foi esta mesma rasão da estiagem que se addusia, em algumas localidades do norte do paiz, para explicar o uso ainda não olvidado das moendas de mão. Muitos adultos accionaram-as em creanças; e a despeito da adaptação de grande numero a accessorios constructivos, bastantes subsistem ainda nas casas de lavoura, ou decididamente inuteis, ou ainda apropriadas á trituração do milho maiz destinado ás aves juvenes e ás denominadas papas de milho ou painço no banquete tradicional do sarrabulho.

Escolhendo um exemplar que facilmente possa ser observado ⁴ temos, em primeiro lugar, um banco com cerca de 0^m,7 de alto (fig. 3, c). E' sobre esta trempe que assenta um disco de granito (b) com 0^m,7 de diametro e 0^m,235 de espessura, mais vulgarmente chamado pé e ainda pia (Terroso) e que constitue, afinal, a mó dormente. A depressão para alojar a andadeira (A) origina o rebordo vertical cuja altura mede 0^m,085 e a largura não vae além de 0^m,1. Ao centro o pé é atravessado pela bucha (fig. 4, c), toro de madeira com um decimetro de diametro, se tanto, e no meio do qual passa verticalmente o veio de ferro (fig. 4, d) procedente da travessa perpendicular á face anterior do banco. Na extremidade superior d'esse espigão uma verga tambem de ferro, a *segurelha* (fig. 4), encontra, na andadeira, a ranhura onde encaixa, appendice esse cujo movimento é o mesmo da volante. O *rasgo*, por fim, é a caleira por onde a farinha sahirá.

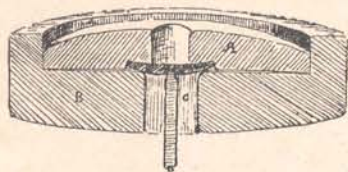


Fig. 4. — Corte da mó de Beiriz

A andadeira, com diametro e espessura mais restrictos, 0^m,47 e 0^m,085 para um e outra, tem lateralmente um orificio d'onde emerge o tufo (E) para o alto e ao qual se adapta a vara ou o cambão (D) com que se imprimirá o movimento rotatorio. Pelo orificio que vasa a mó girante

¹ E. GUHL et W. KONER, *La vie antique*. Tom. 1, *La Grèce*, pag. 266. Rothschild ed. Paris, 1884.

² BLUTEAU, *Vocab.*, voc. *Mò*, pag. 521, tom. v. Coimbra, 1713.

³ VITERBO, *Elucid.*, voc. *Azena*, pag. 156 e voc. *Camba*, pag. 231, tom. 1. Lisboa, 1798.

⁴ O A. fez transportar para o Museu municipal do Porto, com destino á secção ethnographica nacional, o exemplar sobre que incide a descripção e que está completo. Procede de Beiriz, concelho da Povoa de Varzim.

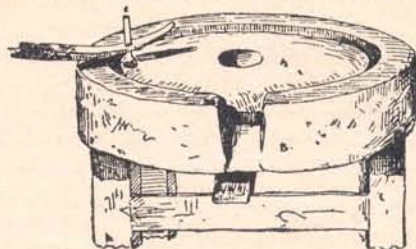
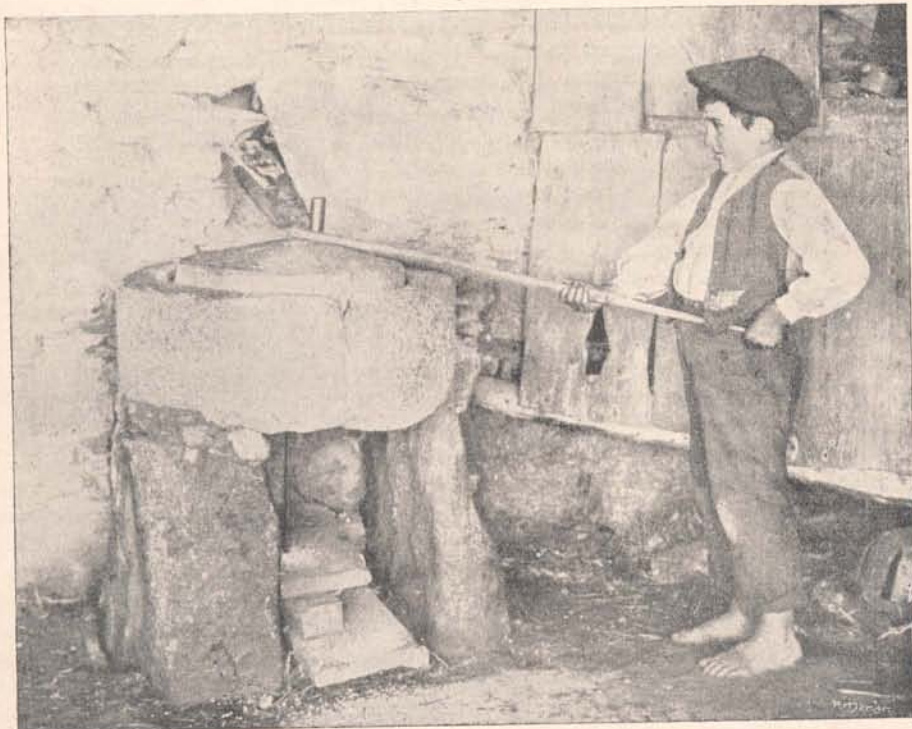


Fig. 3. — Mó de mão actual (Beiriz)

ao centro, com 0^m,095 de diametro, entra o milho destinado a triturar; e como da approximação das mós dependa a finura da farinha a obter é com uma cunha, mais ou menos penetrada entre o pé e a travessa, que o veio sobe ou desce e as mós ficam mais ou menos soltas. Assim se *tempêra*, pela maior ou menor junção dos discos, o apparatus; assim se apura, como convém, a moedura.

Exaradas as dimensões d'uma mó de mão procedente de Beiriz, convém anotar que outras se exhibem, nomeadamente nos diametros, mais pequenas quasi metade da descripta, e outras houve tam avantajadas que na girante se annexavam dois tufos para, aos cambões correspondentes, andarem dois moendeiros. Em qualquer dos casos o esforço empregado para o funcionamento do moente não era tam consideravel que reclamasse, as mais das vezes, a energia superior á d'uma mulher e á d'uma creança de dose annos, destacada, para tal serviço, n'um coêrto onde a mó se installava com outros utensilios de lavoura, (fig. 5)



Cliché de R. P.

Fig. 5.—Mó de mão actual (Nabaes)

Sobre as mós dos castros são evidentes os progressos. As denominações de *andadeira* e *pé*, a innovação da *bucha*, *veio* e *segurelha*, o *regulamento* ou *tempêro* pela cunha, constituem, como accessorios e onomastico, elementos e terminologia bem conhecidos nos moinhos. Foram imitados d'estes, adoptando posteriormente os beneficios alcançados pela experiencia do moleiro da azenha e do moente accionado a gado ou á vela, ou esses pequenos progressos successivamente passaram da mó manual para as mais complexas? É grato suppôr os aperfeiçoamentos evolvendo no moinho de mão e passando seguidamente, em grande, para os de bois e para os de agoa. Mas tambem poderiam ter subsistido parallelamente com os que foram imaginados para funcionarem com gado e depois aperfeiçoados pela observação e pelo tempo. A mó manual manter-se-hia como recurso tradicional e extremo nos agostos de calma e de secura; mas sendo grosseiro de mais o seu producto adaptavam-se á machina rudimentar os accessorios compatíveis que, nos instrumentos mais perfectos, realisavam uma farinha tambem mais fina e supportavel.

Tanto isto é presumível que, em alguns casos, as adaptações vão até à adição, na mó volante, da *moéga* (Beiriz), da *moéga* e do *quelho* (Rates), d'outras modificações architecturaes de mais relêvo. É o caso de Terroso (fig. 6) em que um homem de lavoura — como as creanças procedendo por imitação habil e candida — encostou ao angulo das paredes d'um telheiro uma mó manual que uma travessa inferior ainda ajudava a supportar. Acima ficava o tronco de pyramide invertido e aberto, a *adelha*, onde era lançado o grão que uma *calha* vertia ao meio da corredeira. Como nos moinhos um *taramello* ou *chamadoiro* mantinha ininterrupta a oscillação do quelho; e inferiormente trabalhava o cambão annexado a um ferro curvo, o qual, atravessando as duas mós, punha só a superior em movimento.

Por indagações effectuadas n'um intento de certeza incontrastavel pôde-se assegurar o emprego d'esta *mola manuaría* — ainda ha cerca de 30 annos e quando menos expansão tinham os moinhos de agoa e os de vento — nas seguintes freguesias de quatro concelhos confinantes: Gondifellos, Fradellos e Cavallões (Famalicão); Santa Maria e S. Martinho de Gallegos, S. Paio do Carvalhal, Grimancellos e Macieira de Rates (Barcellos); Ballazar, Terroso, S. Pedro de Rates, Laundos, Beiriz, Amorim, Argivae, Povia de Varzim (villa), Nabaes e Estella (Povia de Varzim); Touguinha, Arcos e S. Christovão de Rio Mau (Villa do Conde). É de crér que outras freguesias a adoptassem, encontrando-se ainda n'ellas a memoria do seu uso. E que a generalisação foi de grande amplitude presume-se ao considerar as noticias colhidas occasionalmente em outras localidades mais distantes: Geraz do Lima (Vianna); Cette (Paredes); Travanca e Mancellos (Amarante); Murtosa (Aveiro), até em Lindoso onde, aliás, parece que a usara um soldado do concelho de Barcellos.

Nos quatro concelhos onde foi possível, com mais individualização, fixar o emprego ainda lembrado da moenda manual não sobrevivem, tam vivazes, os vestigios da atafona. Recordase que em Minhotães (Barcellos) uma grande mó, sob um coberto, era movida por um boi; por dois uma outra em Santa Maria de Gallegos e ainda em mais freguesias do concelho; outra ainda funcionava, raramente, em Louro (Famalicão).

Examinada esta, os seus elementos constructivos eram os mesmos do moinho de agoa e de vento, com a differença, relativamente ao ultimo, da inversão da *entroza* que, no de bois, ficava sob o pé. Ao lado e debaixo do mesmo telheiro que abrigava a atafona, com o seu pé e andadeira, o tremonhado, o quelho, o chamadoiro, o tempêro e o masseirão, dispunha-se uma roda de azenha que ou transmittia o movimento ao tambor d'um engenho de linho, ou, de outra banda, á moenda. Para tal os dentes da roda engrenavam nos fuseis d'um carrinho cujo eixo horizontal ligava e era eixo da entroza. Esta, dentada como é sabido, por seu turno engrenava n'um carrete vertical de ferro cujo eixo, prolongado superiormente, findava, com a segurelha, na andadeira. A passo uma junta de bois moía uma rasa de milho n'uma hora.

É para anotar que n'estas regiões se não estendia a denominação de atafona (*tafona*, em Gallegos, Esposende, etc.) aos moinhos de mão, o que parece ter succedido n'outros logares como se infere de certas narrações verbaes e d'algumas passagens litterarias já distantes. ¹ Mas o que resulta, em ultima analyse, é podermos-nos affirmar contemporaneos do uso de toda a especie de força motriz applicada, até agora, á moagem: mão de homem, animaes, agoa, vento e vapor — quasi desde a domestica mó castreja até ao triturador de cylindros!

Porto, março de 1903.



Fig. 6. — Mó de mão actual (Terroso)

¹ BLUTEAU, *Vocab. cit.*, voc. *Atafona*, tom. 1, pag. 624. — VITERBO, *Eluc. cit.*, voc. *Azena*, tom. 1, pag. 156.

